

Poesia, teologia e gênero: Adélia Prado e Marcela Althaus-Reid em diálogo

*Genilma Boehler**

Resumo

Este artigo analisa a construção da poesia de Adélia Prado, na perspectiva teológica, em diálogo com a teóloga Marcela Althaus-Reid, que indicam um outro caminho possível para a teologia. Só é possível fazer outro caminho construindo-se um outro traçado, a partir da desconstrução do anterior. Portanto, os estudos de gênero que lidam com as rupturas ou desconstruções dos modelos tradicionais de teologia favoreceram a compreensão do que propõem as autoras citadas. Prado e Althaus-Reid oferecem novos paradigmas para a compreensão de Deus, do corpo e da sexualidade, na vida concreta das mulheres.

Palavras-chave: Poesia – Teologia – Transgressão – Corpo – Sexualidade.

Poetry, theology, and gender: a dialog between Adélia Prado and Marcela Althaus-Reid

Abstract

This article analyzes the construction of Adélia Prado's poetry in the theological perspective in dialogue with theologian Marcela Althaus-Reid, who show another possible way for theology. It is possible to establish another way only by building another tracing, by deconstructing the former. Therefore,

* É mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutoranda em Teologia, pela EST – Escola Superior de Teologia – da IECLB, em São Leopoldo, RS. É professora no Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, em Belo Horizonte, MG. E-mail: genilma.boehler@metodistademinas.edu.br.

studies of gender that deal with the ruptures and disruptions of traditional theological models favored the understanding proposed by these authors. Prado and Althaus-Reid offer new paradigms for the understanding of God, body and sexuality in women's concrete life.

Keywords: Poetry – Theology – Trespassing – Body – Sexuality.

Poesía, teología y género: Adélia Prado y Marcela Althaus-Reid en diálogo

Resumen

Este artículo analiza la construcción de la poesía de Adélia Prado en la perspectiva teológica, en diálogo con la teóloga Marcela Althaus-Reid, las cuales indican otro camino posible para la teología. Solo es posible hacer otro camino construyéndose otro trazado, a partir de la desconstrucción de lo anterior. Por lo tanto, los estudios de género que lidan con las rupturas o desconstrucciones de los modelos tradicionales de teología han favorecido la comprensión de lo que las autoras citadas proponen. Prado e Althaus-Reid ofrecen nuevos paradigmas por la comprensión de Dios, el cuerpo y, la sexualidad en la vida concreta de las mujeres.

Palabras clave: Poesía – Teología – Transgresión – Cuerpo – Sexualidad.

Introdução

Os papéis de gênero¹ são características e funções designadas ou atribuídas às mulheres e aos homens, e esses papéis são aceitos como naturais nas culturas, nas sociedades. No decorrer dos séculos, as teologias cristãs do mundo ocidental influenciaram grandemente na configuração desses papéis, impondo modos de ser e de pensar que condicionaram o comportamento das mulheres — dando-lhes um lugar de submissão e subordinação —, incluindo

¹ A palavra gênero aqui utilizada significa a combinação das diferenças construídas social e culturalmente entre mulheres e homens, referindo-se aos papéis sociais, as práticas, estruturas e ideologias que moldam as vidas e identidades das mulheres e homens, reforçando e perpetuando a desigualdade de condições e as relações sociais.

as regras relativas à sexualidade, como bem desejou a lógica do poder patriarcal.

No entanto, surgem outras possibilidades de construções teológicas que rompem com o padrão estabelecido, abrindo frestas que possibilitam ver outros horizontes que favorecem a mudança na esfera da religião e, conseqüentemente, na cultura.

Com este artigo eu proponho um mergulho. Um mergulho raso, mas que possibilita uma visão ampliada das implicações de uma leitura dialogada entre Adélia Prado e Marcela Althaus-Reid, na perspectiva de uma leitura de gênero, e que sinalizam outras compreensões teológicas.

Marcela Althaus-Reid foi uma escolha para ler Adélia Prado. Uma teóloga que tem base teórica feminista, crítica, *queer*, que ela mesmo denomina “teologia indecente”. O adjetivo indecente, contrário ao que muitos compreendem, qualifica sua construção teológica que questiona as aberrações das teologias tradicionais quando negam o corpo, a sexualidade e, especialmente, manipulam a sexualidade condicionando a submissão e a negação da mulher. Adélia Prado, por sua vez, não está preocupada em escrever teologia. Sua razão é a poesia/prosa, a literatura, mas que cruza com a teologia — porque sim, constrói uma abordagem sobre Deus que destoa do usual, do tradicional que se tem nas teologias cristãs.

Contudo, não se pode perder de vista que são duas autoras que lidam com referenciais teóricos distintos. Arte literária ou teologia, cada qual carrega consigo sua finalidade. Se é arte literária, dela não se pode exigir a mesma sistematização que na teologia, mas nela se pode encontrar teologia e abstrair um novo sentido teológico. Ambas ousam combinar assuntos comumente negados pela teologia clássica, tais como sexualidade, sensualidade. Sendo assim, vários aspectos nos textos de Adélia Prado ressoam na teologia de Marcela Althaus-Reid.

Marcela Althaus-Reid escreve teologia — teologia política, crítica, feminista — utilizando-se das metáforas da sexualidade, porque considera ser deste *locus* que emana a concretude da vida. Metáforas poéticas ou metáforas teológicas, ambas se utilizam da sexualidade para serem provocativas e para desacomodarem o que

durante séculos esteve proposto pela teologia clássica, ou mesmo pela teologia da libertação, que ignorou a sexualidade como também possibilidade da comunicação do sagrado, do teológico.

Este será meu esforço a partir de agora. E terei, em Marcela Althaus-Reid, a ferramenta argumentativa para o pensar teológico — construindo a hermenêutica, lendo, compreendendo e interpretando. Porém, sem distanciar-me de Adélia Prado, sobretudo quando define numa conferência:

A arte não tem função, sua natureza não se presta a nenhum uso, a nenhuma instrumentalização. Serve para que aquilo que é individual, pequeno, limitado e precário encontre através dela uma significação de natureza universal e, portanto, de transcendência. Qualquer arte — pintura, música, cinema, literatura — onde eu consiga falar da minha pequena dor pessoal, do meu pequeno medo, do meu pavor, do meu pânico, da minha doença, da minha paixão; onde eu encontre uma linguagem para isto, um signo, me descansa (BINGEMER, 2004).

Teologia e transgressão

Há no discurso poético de Adélia Prado um desvio transgressor porque beira a teologia. O que significa isso? Transgredir é um verbo definido como: “violar, infringir, desrespeitar”; mas também está definido como: “ir além dos limites impostos por lei, comandos, normas” (SACCONI, 2006). Tanto na forma verbal, transgredir, como na substantiva, transgressão, a idéia que pode ser construída é de ação. Em Adélia Prado há uma construção teológica que infringe o que está resolvido nas teologias cristãs — particularmente na teologia oriunda da Igreja Católica — pelo Magistério, nas encíclicas e nos estudos teológicos definidos pela teologia sistemática — mas não menos nas teologias propostas pelas igrejas cristãs evangélicas.

Nas teologias cristãs — de modo geral — existem lacunas, silêncios, sobre as temáticas relacionadas ao corpo, corporeidade, sexualidade. Aliás, sim, a tríade corpo/corporeidade/sexualidade está presente nas abordagens teológicas ou doutrinárias, mas efetivamente vinculadas ao pecado. Elas alimentaram no imaginário

cristão a noção do sexo como pecado e do corpo como lugar de impureza, feiúra e maldade, logo, pecaminoso. A Igreja negou o caráter sagrado do prazer, encarado como transgressão e pecado.

Embora pese esta negação, a Igreja e a teologia cristã (podendo até serem entendidas no plural) criaram no discurso o regramento, com a

noção de que pode haver uma “verdade” do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, que é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes (BUTLER, 2003).

Portanto, o que há sobre sexo na teologia cristã tradicional são as normativas, baseadas na heterossexualização que institui “a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’” (BUTLER, 2003).

Sem demonstrar essas preocupações, Adélia Prado reescreve uma teologia configurada numa nova epistemologia, a partir de sua visão de vida e de suas projeções místicas, que relacionam a sexualidade, o corpo, com a experiência religiosa, mas despreocupada com a elaboração de uma teologia política.

Em sua obra literária há três elementos que condicionam seu pensamento, sua produção. Ela afirma, em um de seus poemas, que: “é em sexo, morte e Deus que eu penso invariavelmente todo dia” (PRADO, 2006). São elementos conjugados que revelam a essência de sua criação, que se misturam e não estão divididos, dualisticamente, entre bem e mal, como nas teologias tradicionais, mas que transitam em concomitância no seu fazer poético — e isso a autora faz com desenvoltura, sem os embaraços costumeiros, quando se trata dos estudos teológicos sobre sexualidade/corporeidade/corpo.

Sua preocupação é literária, poética, só que sua essência é religiosa, teológica, pautada no cotidiano e na existência. Por isso, Adélia Prado pode ser considerada transgressora: ela infringe o que está posto enquanto regramento doutrinal com bases teológicas para o corpo, para a sexualidade; em especial, o corpo, a

sexualidade da mulher. E ela reescreve uma teologia-poética-prosaica atravessando as fronteiras formais, estruturais, trazendo para o centro a vida, o corpo, a sexualidade, propondo o que há de mais valioso na teologia, a meu ver, que é a descon-tinuidade, a recriação de sentidos, os novos significados.

Nessa perspectiva, o que encontro na criação de Adélia Prado como inovação, analisando pela perspectiva teológica, é a combinação de elementos excluídos pela teologia formal, como o cotidiano de segmentos populares, empobrecidos e a sensualidade existente no presente de cada sujeito poeticamente construído. A capacidade de subverter os códigos teológicos, religiosos, a partir do resgate da imagem de Deus – desde os códigos sexuais, do pulsar da vida, dos desejos e da naturalidade do cotidiano – faz da autora uma transgressora ou, como nomeada por Marcela Althaus-Reid, uma poeta criadora de metáforas teológicas indecentes.

O cotidiano, a religiosidade, a sexualidade: essências da poética adeliana

O cotidiano tem a ver com a imanência, o lugar, o contexto histórico vivencial de Adélia Prado, mas, além disso, está desenhado em suas palavras criativas tanto na poesia como na prosa — e que ela própria define: “Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho este corpo que eu carrego (ou ele me carrega... o burro) e a vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis.”(LAUAND, 2008). É da vida cotidiana (da sua própria e da dos outros) que a escritora retira os elementos para construir suas metáforas². Ela tem residência numa pequena cidade do interior de Minas Gerais, e sua rotina obedece a rituais pautados pela relação familiar, pela vizinhança, por acontecimentos que marcam o dia-a-dia. Isso porque, visto com olhos de poeta, qualquer elemento pode ser transvestido em metáforas, transformado em beleza e novos significados.

Há um outro detalhe, porém, neste *ethos* vivencial em Adélia, retratado em seus poemas: ela fala a partir da sua experiência —

² Em entrevista, Adélia Prado afirma: “o que me inspira é a vida e suas múltiplas alegrias e aflições, a fé, a dúvida, a rotina maravilhosa, o cotidiano” (TAM, 2006).

nascida e criada numa família pobre³ e com sensibilidade para perceber a pobreza, a simplicidade. E, nesse sentido, “sexualidade e pobreza se combinam de diferentes maneiras e a realidade se constitui com variações” (ALTHAUS-REID, 2000). Este é um elemento importante para entender-se com a construção poética de Adélia Prado. Sua consciência poética traduz esta realidade.

Outro fator é a religiosidade. A religiosidade é de uma mulher cristã, católico-romana e mineira. São esses elementos que revelam as peculiaridades da autora. Mas o curioso é sua reinvenção do próprio catolicismo, expressa nas metáforas que revelam emoções de corpo e alma. Para Adélia Prado, poética e religião se cruzam e, por isso mesmo, o elemento poético faz transcender a religião. Ela afirma em entrevista:

Não separo, para mim elas são a mesma coisa. Muitos poetas, aqueles que se dizem ateus, apesar da grande poesia que fazem, não ligam uma coisa à outra. Mas a poesia é um fenômeno de natureza religiosa, pois tem um papel fundador que me conecta ao centro do ser. Deus é o grande problema e a grande platéia. Tanto que eu engano os críticos, mas não engano Deus (CASTELLO, 1999).

Ressalto a sexualidade como um dos elementos básicos do produto poético de Adélia Prado, porque acredito que seja um dos itens no qual devo deter-me com mais minuciosidade, para que fique explícito, não só na criação adeliана, mas também a partir de onde analiso sua obra e o que proponho com a minha leitura. A sexualidade vem imbricada nos condicionamentos do cotidiano e do religioso. Refiro-me, neste sentido, às mulheres e à nossa formação enquanto sujeitos: mulheres, educação, cultura, religião enquanto paradigmas de submissão e ao mesmo tempo modelo de resistência.

A sexualidade é um dos elementos também prescritos pela cultura enquanto comportamento normatizado — e, no caso das sociedades ocidentais, pelo modelo hegemônico, heterossexual,

³ Quando afirmo que Adélia Prado foi nascida e criada numa família pobre, estou pautando-me nas informações a partir de seus escritos e de sua biografia.

masculino e religioso cristão. Faço referência à matriz cultural “por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível”. Por isso, a definição de sexualidade, a partir de onde se fala e para quê, precisa estar muito clara, principalmente quando a abordagem passa pela definição de uma teologia subversiva ou transgressora, como definida inicialmente. Marcela Althaus-Reid oferece-nos uma pista interessante:

O subversivo de um sistema religioso reside em suas subversões sexuais anormais nas quais virgens parem e as trindades masculinas podem significar a incoerência de uma só definição masculina, na tensão da identidade patriarcal e diferença. Esse desnudamento é o ponto de partida para a teologia subversiva (ALTHAUS-REID. 2000).

Posteriormente a mesma autora explicará:

Para conhecer nossa sexualidade não só necessitamos de uma teologia indecente que possa chegar ao núcleo das construções teológicas, na medida em que estas fundem suas raízes sexuais. Também a necessitamos porque as verdades teológicas são moedas dispensadas e adquiridas em mercados econômicos, teológicos. Na América Latina, o intercâmbio de trabalho pela recompensa da outra-vida [do que está além da vida sic! Tradução pessoal], salvação por pão e obediente subordinação por graça divina se instaurou com a desintegração das grandes narrativas das nações originais. E é um intercâmbio sexual: não só salvação como simbólico nem de intercâmbio por pão, senão por um tipo de modo heterossexual de vida e de produção também esperado⁴.

Adélia Prado, ao combinar o cotidiano com a religiosidade e a sexualidade, desnuda o que está oculto pelos discursos teológicos formais: “todo discurso teológico é implicitamente sexual, decente, aceito” — naturalmente que atendendo aos “modelos binários, heterossexuais, obsessionados com o comportamento e

⁴ ALTHAUS-REID, 2000, p. 34.

a ordem sexual” (ALTHAUS-REID, 2000). O dilema, nesta outra perspectiva que passa pela transgressão ou pela subversão, está em como continuar religioso(a) sem perder o prazer, uma vez que o prazer e a corporeidade foram condenados pelas teologias clássicas e, naturalmente, uma vez proibidos, criou-se a violência organizada das transgressões e as proibições. Isso, no cristianismo, está muito presente nos graus da perturbação sensual.

O cruzamento da poesia com a teologia

A visão teológica de Adélia Prado, até aqui comentada, descortina-se a partir da análise de alguns de seus textos, tanto poesia quanto prosa, entendida sob os dois princípios definidos por Marcela Althaus-Reid:

Em primeiro lugar, a teologia é uma arte *per se*, ou seja, uma representação estética e não um modo naturalizado de refletir/atuar sobre Deus e as pessoas. Em segundo lugar, a teologia opera de modo sexual que poderia introduzir algo de per-versão (variações, mais versões e posicionamento dos atos teológicos) em sua metodologia (ALTHAUS-Reid, 2000).

Analisar os textos selecionados de Adélia Prado, nessa perspectiva, tem o aspecto provocativo e necessário para entender a criação inventiva e poética, mas ao mesmo tempo será de confronto com “os estranhos modos deste mundo e estado da teologia de hoje, que considera imoral o indecentamento, ou seja, a denúncia da verdadeira natureza sexual dura da teologia”, afirmado por Marcela Althaus-Reid. Noutras palavras, há um apelo na poética criada por Adélia Prado que permite interpelar as normativas das teologias patriarcais, suscitando novas possibilidades de compreensão de Deus, do sexo, da vida... e, talvez, também da morte, como bem definiu Adélia Prado.

Festa do corpo de Deus

Como um tumor maduro
a poesia pulsa dolorosa,

anunciando a paixão:
“Ó crux ave, spes única
Ó passiones tempore”.
Jesus tem um par de nádegas!
Mais que Javé na montanha
esta revelação me prostra.
Ó mistério, mistério,
suspensão no madeiro
o corpo humano de Deus.
É próprio do sexo o ar
que nos faunos velhos surpreendo,
em crianças supostamente pervertidas
e a que chamam dissoluto.
Nisto consiste o crime,
em fotografar uma mulher gozando
e dizer: eis a face do pecado.
Por séculos e séculos
os demônios porfiaram
em nos cegar com este embuste.
E teu corpo na cruz, suspensão.
E teu corpo na cruz, sem panos:
olha para mim.
Eu te adoro, ó salvador meu
que apaixonadamente me revelas
a inocência da carne.
Expondo-te como um fruto
nesta árvore de execração
o que dizer é amor,
amor do corpo, amor.

Esse é um poema que retrata o tipo de teologia que até aqui está argumentado como próprio de Adélia Prado. Desde o título,

⁵ “... porquanto na Igreja Católica tal festa, de Corpus Christi, revela Jesus Cristo presente na hóstia consagrada. A hóstia é um tipo de pão branco, amorfo, sem formato de corpo. Adélia, entretanto, aponta para uma outra forma de compreender a presença sacramental de Cristo: através do corpo em seus contornos e em sua nudez da cruz.” (PORTELLA, 2003, nota de rodapé n. 13, p. 101)

“Festa do corpo de Cristo”, sugestivo por si só, se a ele associarmos, do calendário litúrgico, a festa de Corpus Christi.⁵ Para a autora, é a poesia que evangeliza e que desencadeia as metáforas poéticas definindo sexo. Ressaltando sexo enquanto o lugar da paixão, do sentir do corpo — contrapondo com o pecado, como a descorporificação de Deus. No poema, a trajetória que faz é de anúncio: o corpo de Cristo — a cruz —, o sofrimento, e o que é o mistério revelado? O corpo humano de Deus, retratado no tempo do sofrimento e no tempo do gozo. Quem anuncia a paixão é a poesia e não a homilia ou a liturgia. O corpo que ela olha também está olhando: vê. O que vê? A inocência da carne.

Para Adélia, a cruz revela que o corpo é inocência e não desfrutar da corporeidade é pecado. Portanto, o objetivo da poesia, enquanto a que “evangeliza”, está na revelação da sacralidade corpórea — e uma corporeidade sexuada, com uma clara inversão do sentido do pecado: “Nisto consiste o crime, /em fotografar uma mulher gozando /e dizer: eis a face do pecado. /Por séculos e séculos /os demônios porfiaram /em nos cegar com este embuste”. Nesses versos, a autora resgata o modo como na tradição judaico-cristã utilizou-se da idéia da atribuição à entrada do pecado no mundo por intermédio da mulher. Eva e a personificação do pecado. Mulher e sexualidade, igual a pecado. Ela desfaz este mito afirmando-o como porfia demoníaca para cegar as culturas patriarcais que durante séculos utilizaram este mito para submeter as mulheres à condição de pecadoras e, portanto, devendo ser subordinadas, controladas pelos homens, convertendo-as em objetos de propriedade no seio das estruturas familiares.

A paixão que a poesia anuncia revela a humanidade de Cristo: “Jesus tem um par de nádegas!” A escolha dessa metáfora, para afirmar a corporeidade de Cristo, faz a diferença: a autora escolhe as nádegas e não o falo para afirmar o corpo de Deus. Nas representações ocidentais hegemônicas da sexualidade masculina a opção sempre foi falocêntrica. Desviar-se do estabelecido culturalmente para representar o corpo masculino, referindo-se a Cristo homem-divino-crucificado, revela uma capacidade reinventiva e transgressora. A cruz revela que o corpo é inocência e não desfrutar da corporeidade é o que revela pecado. A

sacralidade, portanto, é corpórea, provocando um deslocamento na compreensão do sagrado e do profano. “E teu corpo na cruz, suspenso. /E teu corpo na cruz, sem panos: /olha para mim. / Eu te adoro, ó salvador meu /que apaixonadamente me revelas /a inocência da carne. /Expondo-te como um fruto /nesta árvore de execração /o que dizer é amor, /amor do corpo, amor.”

Deus não rejeita a obra de suas mãos
É inútil o batismo para o corpo
O esforço da doutrina para ungir-nos,
Não coma, não beba, mantenha os quadris imóveis,
Porque estes não são pecados do corpo.
A alma, sim, a ela batizai, crismai.
Escrevei para ela a imitação de Cristo.
O corpo não tem desvãos,
Só inocência e beleza,
Tanta que Deus imita
E quer casar com sua igreja
E declara que os peitos da sua amada
São como filhotes gêmeos de gazela.
É inútil o batismo para o corpo.
O que tem suas leis as cumprirá.
Os olhos verão a Deus.

O poema inicia e termina afirmando a inutilidade do batismo para o corpo e curiosamente combina as metáforas para ilustrá-lo: comer, beber, mover dos quadris. E, entendo, que duas dimensões são necessárias para a compreensão do enunciado: de que batismo se trata? De que corporeidade falamos? O olhar atento ao texto permite a desconstrução da corporeidade que propõe a autora, opostamente ao conceito de corpo dualístico presente na tradição cristã ocidental, aqui entendido como

espaço e lugar onde se efetivam as prescrições em torno de suas realidades, determinando seus tempos e seus ciclos, como meio operador de significados e significantes. Nesse sentido, o corpo é motivador de reflexão na teologia, [...] e é ponto de partida

para a ressignificação de identidades e experiências religiosas e sagradas (STRÖHER, 2004).

O poema é envolvente, tem um elemento bem-humorado, busca o tom do bom senso, caminha com uma definição de batismo, carregada de analogias delicadas e fortes. Expressões como: “não mova os quadris” é uma definição perspicaz da sensualidade feminina, na cultura ocidental bem apreendida, com o mover dos quadris — e classificada como pecado: sensualidade, sexualidade igual a pecado, que ela afirma: “estes não são pecados do corpo”, bem combinados com “não comer e não beber”. Define-se a partir daí o sujeito, pois aponta-se especificamente para um segmento social em que se está proibido o comer e o beber, e a quem se deseja controlar: os pobres, pontualmente, a mulher pobre.

A metáfora bíblica extraída do Cânticos dos Cânticos: “declara que os peitos da sua amada/ são como filhotes gêmeos de gazela” — neste terreno coloca o desejo de Deus e o lugar de Cristo, ino-centando o corpo do pecado, dando significado ímpar ao poema. Isso porque recorre a um texto bíblico que lida explicitamente com a eroticidade/sexualidade para situar sua intenção. Para isso, recorta um versículo que descreve o que na cultura ocidental é um símbolo erótico feminino bem definido: os seios — “peitos da sua amada”. Ao reescrever o estrato bíblico, Adélia lhe dá um aspecto popular muito pitoresco: “peitos da amada”, cuja intencionalidade é a definição do corpo de mulher e corpo sexuado. Em síntese, ela põe em dúvida as tradições teológicas com suas definições de pecado, de batismos, de beleza ou de feiúra.

Novos horizontes...

A visão que se tem na obra de Adélia Prado e de Marcela Althaus-Reid é a substância teológica produzida por ambas — como uma teologia integral, em que a combinação passa pelo corpo, pelo sexo, pela alma, pelo cotidiano da vida vivida, sentida por mulheres. Marcela Althaus-Reid afirma em uma entrevista: “porque são as mulheres as que mais sofrem com os paradigmas sexuais da Igreja, quaisquer que sejam, como mulheres casadas, solteiras, hetero ou homossexuais etc.” (SOUZA, 2004). Ambas

as autoras conseguem desvelar a ideologia hegemônica, heterossexual, patriarcal — lembrando que Adélia Prado não o faz com as mesmas intenções que Marcela Althaus-Reid, porque esta propõe a articulação da economia com a sexualidade, construindo uma teologia política, enquanto Adélia escreve poesia e em suas metáforas sexuais desvela a relação que há entre sexualidade e Deus. No entanto, há um outro fator relevante nessa construção pautada na transgressão ou na subversão, que só é possível construir por quem está situado no outro lugar ou no não-lugar, porque enxerga por outra janela: pensando Deus a partir do lugar da exclusão. Afirmo Althaus-Reid: “Para mim todas as mulheres são pobres, porque sofrem a exclusão da Igreja e da Academia. Temos que pensar a teologia a partir de nossa marginalidade sexual” (SOUZA, 2004).

Adélia Prado é poeta, filósofa, leiga. Em um de seus textos em prosa, “Solte os cachorros”, ela expressa esse sentimento e faz uma dura crítica ao sacerdote e ao modo de tratar a catequista:

Ser mulher ainda dificulta muito as coisas. Muita gente boa ainda pensa, em pleno século quase vinte e um, que mulher é só seu oco. Fosse só assim, a gente não tinha coração nem cabeça, precisava nem ser batizada. Mas, digo que tem e igualzinha à dos homens: boa e ruim. Jesus, muito mais antigo que nós, entendeu isso bem direitinho (PRADO, 2006).

Marcela Althaus-Reid propõe uma teologia *queer* e explica, quando perguntada, por que defende uma identidade *queer*: “a teoria *queer* é ambígua, livre, fluida. É um gênero. Eu gosto dela porque me faz sentir reflexiva. [...] Os grupos *queer* mostram uma força de liberdade, pois eles não se deixam definir” (SOUZA, 2004). Assim é Adélia Prado: não se deixa definir, mas reinventa uma outra expressão de Deus nos seus poemas, combinando ambigüidade, liberdade e fluidez, sem mistérios e a partir de sua experiência como pessoa, mulher, sexuada, desejosa e crítica. Ao colocar Adélia Prado e Marcela Althaus-Reid em diálogo, um novo horizonte surge dentro da perspectiva teológica. Mas não só na teologia, muito mais no sentido das mulheres que

resistem e insistem na captação de Deus e numa vivência de fé, que transgride o que está posto como regra e condição. Sendo assim, características que revelam valores na cultura ocidental cristã, nos papéis atribuídos às mulheres, pautado em comportamentos tais como: mulher-Maria-assexuada, portanto, virtuosa, santa, modelo a ser seguido; ou, mulher-Eva-sensualizada, portanto, pecadora, pecaminosa, modelo a ser evitado. Adélia Prado e Marcela Althaus-Reid lidam com a desconstrução desses modelos, anunciando que o jugo imposto durante séculos pelas teologias cristãs masculinas, que tanto infringiram nas culturas ocidentais, precisam urgentemente passar por uma ruptura e por uma outra definição conceitual.

Referências bibliográficas

ALTHAUS-REID, Marcela. *La teología indecente: perversiones teológicas en sexo, género y política*. Barcelona: Bellaterra, 2000.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti & YUNES, Eliana (orgs.). *Mística e poesia*. Conferência com Adélia Prado. *Magis Revista de Fé e Cultura*, Rio de Janeiro, Loyola, p. 2-31, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*, feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: s/ed., s/d.

HUNT, Mary E. Novos estudos de religião sobre sexualidade. *Revista Mandrágora: gênero, religião e modernidade*, São Bernardo do Campo, Umesp, Ano IX, n. 10, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teologia queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PORTELLA, Rodrigo. A mística poética de Adélia Prado: os sentidos de uma paixão. *Revista Mandrágora: Gênero e religião – um caleidoscópio de reflexões*, São Bernardo do Campo, Umesp, Ano VIII, n. 9, 2003.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *O pelicano*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Oráculos de maio*. São Paulo: Siciliano, 1999.

_____. *A faca no peito*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *Vida doida*. Porto Alegre: Alegoria, 2006.

_____. *Poesia reunida*. 10. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

- _____. *Solte os cachorros*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. *Cacos para um vitral*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. *Filandras*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. *Quero minha mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- _____. *Os componentes da banda*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985.
- _____. *Manuscritos de Felipa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Minidicionário Sacconi da Língua Portuguesa*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- SANTOS, Jorge Pinheiro. Prazer e religião: Adélia e Bataille num diálogo pertinente. *Revista Correlatio*, s/l., s/d., n. 03. Metodista. Portal de Publicações Científicas.
- STRÖHER, Marga J. et al. *À flor da pele*: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

ENTREVISTAS

- CASTELLO, José. Adélia Prado retoma o diálogo com Deus em dois livros. *O Estado de São Paulo*, 22 mai. 1999. Disponível em: www.secrel.com.br/ipoesia. Acesso em: mai. 2006, s/ data de acesso.
- LAUAND, Luiz Jean. O olhar: Mirandum e theoria. *Revista Eletrônica Videtur*, n. 9 - <http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm>. Disponível em: http://www.grupotempo.com.br/tex_adelia.html. Acesso em: jun. 2008.
- SOUZA, Sandra Duarte de. Entrevista com Marcela Althaus-Reid. *Mandrágora: Gênero, Religião e Modernidade*, São Paulo, Umesp, Ano IX, n. 10, 2004.
- TAM-Magazine. Artesã da palavra, São Paulo, Spring Comunicações do Brasil, ano 3, n. 31, set. 2006.

Recebido: 30 de maio de 2008.

Aceito: 4 de agosto de 2008